

## No limiar do fim do mundo em *O Reino* de Gonçalo M. Tavares

**Susana Mateus**

*Universidade do Porto*

**Resumo:** Quando observamos e refletimos sobre os comportamentos das personagens de *O Reino* de Gonçalo M. Tavares identificamos uma correspondência que nos serve de aviso: a revisitação de uma paisagem evocativa do Holocausto e da guerra enquanto situação-limite ecoa a conjuntura onde nos movemos, hoje, no constante limiar de um fim do mundo enquanto «seres mal situados» que somos. Resta-nos saber escolher.

**Palavras-chave:** Gonçalo M. Tavares, *O Reino*, guerra, medo, angústia, escolha, incompletude, mecanismo, limiar, fim do mundo

**Abstract:** When observing and reflecting on the behaviours of the characters in *O Reino* by Gonçalo M. Tavares a link coming across as a warning is identifiable: the revisit of a landscape evocative of the Holocaust and of war as a limit-situation echoes the juncture in which we move nowadays: at the constant edge of an end of the world as we remain «badly placed» beings. It's up to us to make the right choice.

**Keywords:** Gonçalo M. Tavares, *O Reino*, war, fear, anguish, choice, incompleteness, mechanism, edge, end of the world

Há uns anos, quando me confrontei (e o verbo é mesmo este – *confrontar-me*) com *Um Homem: Klaus Klump*, o primeiro livro da tetralogia *O Reino*, de Gonçalo M. Tavares, senti um golpe, arriscaria mesmo dizer que experienciei um pequeno fim do mundo interior. Uma frase deste autor, em particular, ficou para sempre na minha memória, lançando-me numa reflexão sobre a ação humana e suas motivações: “Vê o

mundo, o mundo tem uma lâmina” (Tavares 2011: 22). A lâmina, o bisturi, a faca atravessam os quatro volumes, mas, acima de tudo, atravessam o leitor.

Antes de entrar na breve reflexão sobre o que esta tetralogia poderá ter em comum com o fim do mundo, farei uma breve apresentação de cada romance. Apresento o primeiro e o segundo romances em conjunto, visto que foram reeditados num só volume em 2011, acompanhados por uma pequena nota do autor na qual se pode ler: “*Um Homem: Klaus Klump* e *A Máquina de Joseph Walser* são romances passados no mesmo período e na mesma paisagem” (2011: s/p). Trata-se da paisagem da guerra. Não sabemos onde, não sabemos quando, mas suspeitamos, por indícios vários – a música/marcha que antecipa a entrada dos tanques na cidade, as sirenes que mobilizam as pessoas em pânico –, que seria uma paisagem possível da Segunda Guerra Mundial. Esta suspeita é praticamente confirmada no terceiro volume, *Jerusalém* (2008), com referências explícitas aos campos de concentração.

No entanto, leitores de outras paisagens e de outros tempos também se podem identificar neste cenário bélico, pois todos os cenários de guerra têm em comum o que refere o narrador em abertura a *Um Homem: Klaus Klump*: “O país está inacabado como uma escultura: vê a sua geografia: falta-lhe terreno, escultura inacabada: invade o país vizinho para finalizares a escultura, guerreiro-escultor” (Tavares 2011: 15). A este conselho cínico do narrador, podemos responder que a guerra esculpe às custas de extermínio, restos, pedaços, lâminas, sofrimento.

Esta ideia do guerreiro-escultor que pretende acabar a sua escultura remete-me para uma palestra, na qual participou o autor Valério Romão, intitulada “Homens que são como lugares mal situados” a partir do verso de Daniel Faria. Nesse encontro, Romão refere-se à sensação de incompletude do humano:

Todos os homens são lugares mal situados. [...] Como diziam os gregos [...] nascemos entre os deuses e os animais, sendo que os deuses são completamente transparentes para si próprios e os animais são completamente opacos para si próprios e nós temos uma abertura, um ponto de vista inacabado que exige de si próprio respostas que é incapaz de produzir na maior parte das vezes. (2014; transcrição nossa)

O problema residirá então na nossa inadequação? O que será um lugar bem situado? Não será a guerra com certeza, nem a ilusão de poder pela submissão de outros corpos, como relembra Primo Levi em *Se Isto É um Homem*:

estávamos demasiado destruídos para ter verdadeiramente medo. Os poucos que ainda sabiam julgar e sentir correctamente tiraram dos bombardeamentos nova força e esperança; os que a fome não levava ainda à inércia definitiva aproveitaram frequentemente os momentos de pânico geral para levar a cabo expedições duplamente temerárias (...) Mas a maioria suportou o novo perigo e as novas dificuldades com idêntica indiferença: não se tratava de resignação consciente, mas do torpor baço das feras domadas à pancada, que já não sentem dor. (2002: 131-132)

Como tenta responder Gonçalo M. Tavares a este problema?

Voltemos a *Um Homem: Klaus Klump* e *A Máquina de Joseph Walser*, e respetivos protagonistas. Tanto a Klump como a Walser é imposta uma nova identidade, esvaziando progressivamente as personagens do ser e da sua linguagem, engolidos “pelos sons pretos” e pela “ação da terceira linguagem”. O que é a “terceira linguagem”? Klaus Klump responde a esta questão quando reflete sobre os diferentes sons existentes: há os sons animais, os sons humanos e os sons que não provêm nem dos animais nem dos humanos, mas que introduzem uma nova categoria:

Não era um som orgânico. Nem orgânico bruto, nem orgânico inteligente, nem orgânico intelectualmente humano. Que sons, afinal, eram aqueles – o da bala, o do gatilho a ser preparado, o da granada? O de um certo som preto [...] repetir exactamente o mesmo som com duas balas diferentes. (Tavares 2011: 104-105)

Os sons da terceira linguagem são os da linguagem de carácter binário: as coisas funcionam ou não funcionam. A arma dispara ou não dispara. Não há espaço para qualquer tipo de falha, afeto, criação, inesperado. E Klaus Klump, *homo sapiens*, acaba por se entregar às ilusões de segurança desta linguagem da máquina, da bala e da bomba, na tentativa de autopreservação durante e após a guerra. No fim, acaba por comprometer a sua autenticidade quando procura o apagamento do seu passado histórico, descomprometendo-se com a sua identidade, resumindo-se a um ser que “não tinha medo, nem fome, nem estava apaixonado. Cada dia era pois um exercício novo da mentira” (133).

Por sua vez, Joseph Walser faz funcionar uma máquina numa fábrica. Todos os dias reproduz os mesmos movimentos durante horas a fio. Em casa, no espaço guardado do seu gabinete, coleciona peças metálicas cujas dimensões não podem ultrapassar os dez centímetros. O que poderia ser entendido como uma existência esvaziada por ações repetidas é para Walser um princípio de fusão com a terceira linguagem. Walser quer “ser um animal perfeito, um animal não animalesco, não imprevisível, um organismo sem flutuações, um organismo que conseguisse manter-se idêntico, imutável, durante todo o tempo em que estivesse defronte da máquina” (2011: 155). Curioso que o título do romance seja *A Máquina de Joseph Walser*, ou seja, o nome próprio – Joseph Walser – aparece apenas como complemento da máquina, a qual ocupa um lugar central.

Walser parece querer tornar-se mecanismo, desprovido de autoquestionamento, procurando não problematizar, não sentir, não se responsabilizar. Assim, é fácil compreender que a guerra passe ao lado da personagem. Não lhe interessa. Apenas é fundamental manter-se vivo, sem compromissos, e aqui reside o perigo: na capacidade de o sujeito desertar de si mesmo, desistir de pensar e cair na banalidade do mal exposta por Hannah Arendt; desta autora, cito o encerramento do curso “Algumas questões de filosofia moral”, publicado em *Responsabilidade e Juízo*:

Da rejeição da escolha ou da incapacidade de escolhermos os nossos exemplos e a nossa companhia, da rejeição ou da incapacidade de entrarmos em relação com os outros através do juízo, emerge o verdadeiro *skandala*, os verdadeiros obstáculos que as forças humanas não conseguem demover, porque não têm por causa motivos humanos e humanamente inteligíveis. É aí que reside o horror, e ao mesmo tempo, a banalidade do mal. (2004: 131)

Assim, a neutralidade, a indiferença e a passividade de Klaus e de Walser são assustadoras, e constituem, com certeza, lugares mal situados.

Gonçalo M. Tavares, em entrevista concedida a Maria João Cantinho, refere-se à necessidade de lucidez, ou seja, de fazer luz nos lugares mais escusos do humano: “Temos de estar atentos: à maldade dos outros e também à nossa. E isto não é ser niilista nem é transformar-se num pessimista entediado com tudo, é apenas ligar a lucidez como se liga o botão da eletricidade” (Tavares 2004: 2). A lucidez implica responsabilidade individual e a consciência de que cada ação tem repercussões sobre o seu agente e o

resto do mundo, como afirma Jean-Paul Sartre em *O Existencialismo é um Humanismo*: “o homem não é mais que o que ele faz. [...] quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens” (2004: 202-203). Independentemente da eventual radicalidade deste pressuposto, é importante reter a dimensão intersubjetiva subjacente, de acordo com a qual devemos ter em conta o Outro quando agimos, algo que nem Klaus nem Walser consideram, sobretudo a personagem que apresentarei em seguida: Lenz Buchmann.

Passamos, assim, para o quarto romance da tetralogia tavariana: *Aprender a rezar na Era da Técnica* (2007). O terceiro livro é *Jerusalém*, mas deixemo-lo para o fim. O último romance da tetralogia tem como subtítulo *Posição no mundo de Lenz Buchmann*; trata-se de um romance dividido em três partes: Força, Doença e Morte. Poderíamos concluir que estamos perante o percurso por que passam todos os seres vivos: nascimento e morte (a diferença residindo apenas na variável “doença”). E Lenz não constitui uma exceção. O facto de saber que é mortal, que a panóptica “janela de atirador” de onde observa o mundo é insuficiente, corrói-o e enche-o de terror. Assim, Lenz constitui-se num dos agentes mais cáusticos do medo, enquanto manipulador das massas, em toda a tetralogia. No início desta comunicação, falámos de lâminas, de golpes. A lâmina de Lenz é o seu bisturi. Primeiramente, enquanto cirurgião que movimentava a mão direita e a lâmina pelo corpo de um paciente e que, ao mesmo tempo, pensa: “estava vivo, em pé, com a sua razão intacta e dominava ainda a linguagem: era ele que naquela sala determinava cada Sim e cada Não – e ele há muito sabia que dominar essas duas palavras extremas era a mais incontestada forma de poder” (Tavares 2007: 38). Do exercício de domínio sobre um corpo, Lenz começa a desejar o domínio sobre o coletivo. Armado da sua inteligência, razão e bisturi, envereda, então, pela política e conquista a sua “janela de atirador”.

Agora, os corpos são apenas manchas sem qualquer utilidade a não ser servirem a sua “energia de domínio”. Efetivamente, a estratégia usada por Lenz – o medo enquanto instrumento de manipulação –, reflete o pavor do próprio Lenz a quem, quando criança, o pai proibira de sentir medo. Para se defender, torna-se um predador e aprende a despoletar nas suas vítimas o medo que provoca a fuga e o medo que entrega

a vítima ao seu carrasco. Este segundo medo é o que exauria a vítima e constitui a ferramenta principal de Lenz. Como esclarece Francis Wolff: “O medo é um sentimento negativo *presente* causado pela idéia de um sentimento negativo *futuro* ou *potencial*” (2007: 20). E é através da manutenção do medo constante que Lenz efetiva o seu poder.

Gonçalo M. Tavares também chama a atenção para o medo nos nossos dias, no contexto de países que não se encontram em guerra. Numa palestra intitulada “Havíamos de falar de medo”, diz:

pensando em democracia, um pouco em contraponto aos momentos de guerra e de uma certa violência física, por norma [...] o medo físico, violento é qualquer coisa que está afastada de nós e, nesse sentido [...] nós não o treinamos. [...] O que eu sinto nos momentos em que nós vamos vivendo [...] pensando em democracia e em tempo de paz, talvez o medo mais importante não seja este medo súbito e de grande intensidade, mas talvez um medo constante. É quase gradual e uma espécie de invenção de um novo medo [...] um medo constante, há uma tensão que se cria. Este medo constante é uma coisa muito invasiva. (2013; transcrição nossa)

Defendendo uma tese semelhante, Zigmunt Bauman escreve: “No ambiente líquido-moderno, contudo, a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram [...] passaram a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana” (2008: 15).

Face ao medo agenciado por Lenz Buchmann, característico dos regimes totalitários, e ao medo “constante” ou “líquido”, ao qual se referem Gonçalo M. Tavares e Zigmunt Bauman, poderá o humano constituir um fim do mundo de seres mal situados para o autor de *O Reino*? Retomemos as personagens da tetralogia.

Walser na sua acrasia, Klump a ceder a sua ética à terceira linguagem e Lenz Buchmann que poderia ser descrito por estas palavras de Cioran em *História e Utopia*: “aplicamos o melhor das nossas vigílias a esquartejar em pensamento os nossos inimigos, a arrancar-lhes os olhos e as vísceras, a espremer-lhes e a esvaziar-lhes as veias, a espezinhar e a esmagar cada um dos seus órgãos, ao mesmo tempo que por caridade lhes deixamos o gozo do seu próprio esqueleto” (2014: 69). Estas personagens e estes comportamentos parecem confirmar a tese de Thomas Hobbes, segundo a qual o humano no seu estado natural devora o seu semelhante numa ânsia insaciável de poder, como se lê em *Leviathan*: “So that in the first place, I put for a general inclination of all

mankind, a perpetual and restless desire of power after power, that ceaseth only in death” (2008: 66). Como escapar à autodestruição apocalítica para que pareçamos tender? Resta-nos *Jerusalém*.

Günter Grass, em *Escrever depois de Auschwitz*, refere: “Mas nada é puro. Nem a neve é pura. Nenhuma virgem é pura. Mesmo o porco não é puro. [...] Mas e o sal? O sal é puro! Nada, nem o sal é puro. [...] Nenhum pensamento se mantém puro” (1990: 38-39). Gonçalo M. Tavares também nos lembra, em *Jerusalém*:

Depois, foi a vez das fábricas da morte e todos passaram a morrer juntos: jovens e velhos, fracos e fortes, doentes ou saudáveis; morriam não na qualidade de indivíduos, quer dizer, de homens e de mulheres, de crianças ou de adultos [...] mas reduzidos ao mínimo denominador comum da vida orgânica, mergulhados no abismo mais sombrio e mais profundo da igualdade primeira. (2008: 141)

Gonçalo M. Tavares expõe o reino da nossa desumanidade, da catábese ao pior do que somos. Poderá haver espécie mais mal situada? Haverá caminho possível neste reino de “sons pretos” engolidores?

Sim, ainda subsistem neste reino algumas réstias de luz a que chamamos momentos mínimos e que Gonçalo M. Tavares nos propõe cultivar, a nós, leitores, dado que a grande maioria das suas personagens já caiu por terra: Klaus, Walser, Lenz entre tantas outras. Contudo, é preciso nomear, pelo menos, todos aqueles que constituem a resistência ao terror e ao sofrimento causados pela guerra na tetralogia tavariana: Alof, Johana, Clako, Ernst, Kaas e, finalmente, Mylia.

Gonçalo M. Tavares na palestra já referida – “Havíamos de falar de medo” – também reflete sobre a coragem, nomeadamente a “coragem anónima” que ninguém vê e que, como o medo, também é constante. Parece menos frequente dado o seu pequeno grau de visibilidade; no entanto, é uma coragem que assume o medo para o poder enfrentar, exatamente nos antípodas de Klaus, Walser e Lenz.

Uma das formas que esta coragem assume é a da dança em oposição à música-marcha militar, aquilo que Gonçalo M. Tavares designa como a “dança com o diabo” em *Atlas do Corpo e da Imaginação*: “Estamos, pois, nesta dança com o diabo [...] *um entendimento de movimentos com o inesperado*. Dançar com o diabo é tentar entender os

movimentos do imprevisível, é fazer par com aquilo que se desconhece, com aquilo que não se compreende” (2013: 269, itálicos do autor). Ou seja, a dança com o diabo consiste em antecipar os passos do inimigo aprendendo os seus movimentos. Ser um pouco diabo para lhe antecipar o passo é resistir, combater, sobreviver. Ser um pouco diabo para não se tornar diabo.

Assim, é através da dança que as vítimas do medo de *O Reino* procuram reagir, pois a dança exorciza, é pensamento divergente, opõe-se à fixação hipnótica da música militar que, depois de assustar, submete e esvazia o ser. E no centro dessa paleta de resistentes está Mylia.

Casada com Theodor Busbeck, médico e investigador, Mylia é internada no hospício Georg Rosenberg durante muitos anos. Tem uma relação amorosa com Ernst Spengler, doente no mesmo hospício, e de quem tem um filho, Kaas, adotado por Theodor Busbeck. Mais tarde, Mylia será esterilizada e, em consequência disso, ficará doente. De acordo com os médicos, morrerá em breve.

No entanto, sobrevive à sua doença e, mais do que isso, “vê almas”. Ver almas é denunciar a desumanidade, a ausência de ética e ir para lá das aparências criadas pelas instituições. Voz da verdade, da defesa da singularidade, do direito ao espanto e do encontro com o sagrado, Mylia “esquece os acasos que a existência guarda num esconderijo e pressupõe que tudo na sua vida individual tem uma participação directa do divino” (Tavares 2008: 169). Mylia denuncia a insuficiência da razão. Não que a razão não seja necessária; mas o humano pode cair na sua instrumentalização, transformando-a numa nova forma de barbárie. As atrocidades descritas em *O Reino* foram engendradas ao abrigo da racionalidade, não de uma razão como a idealizaram os iluministas, mas uma razão que se tornou obscura, como instrumento para dominar o Outro.

Assim, Mylia relembra que o humano é mais do que razão, alertando-nos para os perigos de esta ser usada como arma de guerra e de controlo, como adverte Jérôme Porée numa reflexão sobre os regimes totalitários: “La raison se montre non, alors, comme la lumière qui doit guider la pensée et l’action, mais comme la main anonyme qui plonge l’humanité dans la nuit et le brouillard. / Sans doute, le rationnel n’est pas raisonnable” (2000: 31).



A par da questão da insuficiência da razão, a tetralogia tavariana previne para o risco de cairmos naquilo que Paul Virilio designa como “individualismo de massas e de sincronização de emoções”: “nous sommes bel et bien, par ailleurs, dans une société d’individus, mais dans une société de l’individualisme de masses” (2010: 47), ou seja, é preciso não esquecer a dimensão intersubjetiva que abre o espaço à procura de entendimento do Outro, evitando a emboscada daquilo que Maria José Cantista denuncia: “A prevalência de uma egologia transcendental que levou à absolutização do sujeito idêntico – porque mostrado ou determinado –, idêntico consigo mesmo [...] esteve de uma maneira ou de outra [...] na origem das ideologias concentracionárias” (2001: 59).

Assim, recorrendo àquilo que referi como momentos mínimos em *O Reino*, poucos momentos em que se pode vislumbrar algum afeto entre as personagens, tendo sempre como foco principal o humano como lugar mal situado, e recuperando o salto de fé de Kierkegaard no qual se enquadra Mylia, a maior inaptidão da maioria das personagens de *O Reino* reside na recusa da coragem, ou na falta de força dos afetos. Esta é a porta para a desmedida traçada no medo, no sofrimento, no domínio do outro e que constitui o princípio do fim do mundo. A virulência deste princípio do fim reside na sua atemporalidade, iminência e imanência, o que nos obriga a mantermos sempre a atenção e a lucidez bem treinadas.

Por isso *O Reino*, devolvendo as linhas de orientação ao leitor daquilo que já foi, efetivamente, um fim do mundo – guerra, totalitarismo, desumanização –, relembra ao humano, sujeito empírico do século XXI, que lhe cabe escolher, tendo em consideração que os factos históricos nunca estão encerrados; ainda podem surpreender-nos, como adverte o narrador de *Aprender a rezar na Era da Técnica*: “Nenhum facto é tão puro que seja definitivo ou que encerre a História; o indefinido avança já sobre o que parece finalmente fixo: abana primeiro a parte invisível que sustenta os grandes momentos, mas em pouco tempo indícios de mudança infiltram-se no mundo material” (Tavares 2007: 289).

Assim, Gonçalo M. Tavares retrata o humano no limiar entre a mão que mata e a mão que salva. Cabe, a cada um, fazer a sua escolha entre o fim ou o princípio de um mundo.

## Bibliofilmowebgrafia

- Arendt, Hannah (2004), “Algumas questões de filosofia moral”, in *Responsabilidade e Juízo*, Lisboa, Publicações Don Quixote: 43-131 [1965].
- Bauman, Zigmunt (2008), *Medo Líquido*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor [2006].
- Cantista, Maria José (2001), “O segredo do sofrimento ou o sofrer em segredo”, in *Dor e Sofrimento. Uma perspectiva interdisciplinar*, org. Maria José Cantista, Porto, Campo das Letras: 57-76.
- Cioran, E. M (2014), *História e Utopia*, Lisboa, Letra Livre [1960].
- Hobbes, Thomas (2008), *Leviathan or the Matter, Forme, & Power of a Common-wealth Ecclesiasticall and Civill*, Oxford, Oxford University Press [1651].
- Levi, Primo (2002), *Se Isto é um Homem*, Porto, Público [1958].
- Porée, Jérôme (2001), “Le principe de raison insuffisante”, in *Dor e Sofrimento. Uma perspectiva interdisciplinar*, org. Maria José Cantista, Porto, Campo das Letras: 27-55.
- Romão, Valério (2014), “Homens que são como lugares mal situados”, Festival Literário da Madeira, [www.youtube.com/watch?v=yJYHmcnr41w](http://www.youtube.com/watch?v=yJYHmcnr41w) (30 de novembro de 2014).
- Sartre, Jean- Paul (2004), *O Existencialismo é um Humanismo*, Lisboa, Bertrand Editora [1946].
- Tavares, Gonçalo M. (2004), entrevista concedida a Maria João Cantinho, in *Storm-magazine*, [www.storm-magazine.com/novodb/arqmais.php?id=204&secn](http://www.storm-magazine.com/novodb/arqmais.php?id=204&secn) (18 de julho de 2014).
- (2007), *Aprender a rezar na Era da Técnica. Posição no mundo de Lenz Buchmann*, Lisboa, Editorial Caminho.
- (2008), *Jerusalém*, 7ª ed., Lisboa, Editorial Caminho [2005].
- (2011), *Um Homem: Klaus Klump / A Máquina de Joseph Walser*, 5ª ed., Lisboa, Editorial Caminho [2003].
- (2013), “Havíamos de falar de medo”, 22 de maio de 2013, Reitoria da Universidade de Aveiro, [www.youtube.com/watch?v=tjGudEIZXsk](http://www.youtube.com/watch?v=tjGudEIZXsk) (20 de julho de 2014).
- Virilio, Paul (2010), *L'Administration de la Peur*, Paris, Les Éditions Textuel.
- Wolff, Francis (2007), “Devemos temer a morte?”, in *Ensaio sobre o Medo*, org. Adauto Novaes, São Paulo, Editora Senac São Paulo: 17-38.

**Susana Mateus** nasceu em 1973, em Cascais. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na variante de Estudos Portugueses e Ingleses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2007. Concluiu o seu mestrado em Estudos Literários Culturais e Interartes no Ramo de Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2014 com a tese *O Medo Vai Ter Tudo em Um Homem: Klaus Klump de Gonçalo M. Tavares? Em diálogo com algumas personagens de O Reino*.